


DESLOCAMENTOS (FORÇADOS) DE PÁScoa VIEIRA: INQUISIÇÃO E ESCRAVIDÃO EM UMA PERSPECTIVA GLOBAL E ATLÂNTICA

(Forced) Displacements of Páscoa Vieira: Inquisition and Slavery in a Global and Atlantic Perspective

Laís Prestes Redondo^a

 <https://orcid.org/0000-0002-2966-0294>

E-mail: lais.prestes@unifesp.br

^a Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Guarulhos, SP, Brasil.



CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Páscoa Vieira diante da Inquisição: uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal no século XVII*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 276 p.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão atlântica. Inquisição Portuguesa. Brasil e Angola.

KEYWORDS: Atlantic slavery. Portuguese Inquisition. Brazil and Angola.

Para os historiadores, a história global, a história atlântica e das circulações suscitam debates na historiografia. Essas perspectivas propõem aos pesquisadores reinserir a voz dos subalternos, romper com narrativas históricas que prezam apenas pelo território nacional e valorizar a conexão com as comunidades acadêmicas do sul global (Gruzinski, 2001b, p. 186; Ammermann *et al.*, 2021, p. 3). Assim, são nessas propostas que a recente obra da historiadora francesa Charlotte de Castelnau-L'Estoile, *Páscoa Vieira diante da Inquisição: uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal no século XVII* (2020) se insere. A autora analisa o processo de Páscoa Vieira, uma mulher já escravizada em Angola que acaba sendo vendida para Salvador, onde é denunciada por bigamia ao Santo Ofício Português e enviada, presa, para Lisboa.

Em sua trajetória acadêmica como professora e historiadora na Université de Paris, com formação pela École Normale Supérieure e pela Universidade de Cambridge e doutorado pela École des Hautes Études em Sciences Sociales, Castelnau-L'Estoile já trabalhou em outras obras como *Un catholicisme colonial: Le mariage des indiens et des esclaves au Brésil, XVIe-XVIIIe siècle* (2019), sobre o significado e a importância que a instauração do matrimônio monogâmico teve sobre povos indígenas e escravizados no Brasil Colonial.¹ No entanto, a presente obra – que é uma tradução da versão em francês para o português² – apresenta pesquisa mais recente em que a historiadora analisou como o matrimônio e sua cristianização impactaram a vida de uma escravizada que circulou entre três continentes no século XVII.

A presente resenha foi dividida em duas partes. Na primeira, realizo um resumo da obra e seus capítulos. Em seguida, analiso as contribuições da obra para alguns campos da história e como Castelnau-L'Estoile utiliza procedimentos da história global e atlântica para estudar o processo de Páscoa Vieira. Ao final, são feitos apontamentos de como a autora poderia ter recorrido às teóricas do feminismo decolonial para refletir sobre o conceito de “agência” que aborda.

A apresentação à edição brasileira é feita pela historiadora Silvia Hunold Lara. Após descrever a experiência acadêmica de Castelnau-L'Estoile, Lara aponta que a historiadora francesa se aproxima de questões do tempo presente de modo a ampliar o entendimento das relações entre escravidão e cristianização no sentido de estudar o processo de Páscoa Vieira. No prólogo e na introdução do livro, Castelnau-L'Estoile apresenta algumas características do extenso processo, explica seus objetivos e os cuidados no uso de processos inquisitoriais como fonte. Ela destaca outras documentações que foram usadas na pesquisa, tais como ordenações régias, tratados morais e teológicos, correspondências, documentos do Conselho Ultramarino, relatos de viajantes e de missionários. Assim, a historiadora demonstra preocupação em contextualizar o processo de Páscoa Vieira no âmbito institucional e social da época.

O livro está dividido em oito capítulos. No primeiro, a autora trata do surgimento da Inquisição Portuguesa e dos crimes de alçada daquele tribunal, dando ênfase à bigamia, delito pelo qual Páscoa Vieira foi processada. Em seguida, apresenta, a partir de relatos de viajantes e registros de comércio, as atividades escravistas em Salvador no século XVII. No segundo capítulo, Castelnau-L'Estoile investiga, a partir dos inquéritos do processo, de que maneira o tribunal de Lisboa emitiu correspondências e movimentou dinheiro para que missionários, comissários e membros do clero secular pudessem obter

¹ A historiadora foi também professora visitante em 2010 e 2011 na Universidade Federal Fluminense (UFF). No segundo semestre de 2022, a historiadora Charlotte Castelnau-L'Estoile assumiu como professora de História Moderna na Sorbonne Université.

² Ver o livro em francês CASTELNAU-L'ESTOILE Charlotte de. *Páscoa et ses deux maris. Une esclave entre Angola, Brésil et Portugal au XVIIe siècle*. Paris: PUF, 2019.

testemunhos em Salvador e Luanda a fim de constatar a culpabilidade de Páscoa Vieira. Ainda nesse capítulo, a historiadora pesquisa quem era o denunciante e senhor de Páscoa Vieira em Salvador, Francisco Álvares Távora, e sua rede familiar.

No terceiro capítulo, intitulado “O bem da justiça”, Castelnau-L’Estoile analisa a prudência dos inquisidores em prender Páscoa Vieira. Ela aponta como a história de Páscoa Vieira reflete o processo de cristianização dos negros da África Central pelos capuchinos italianos e jesuítas. No quarto capítulo, a historiadora analisa os depoimentos recolhidos na vila de Massangano por um vigário, nomeado comissário para tratar do caso de Páscoa Vieira. A autora estuda o testemunho do suposto primeiro marido de Páscoa Vieira, o escravizado Aleixo, além de investigar a genealogia da família Carvalho. Sendo essa a primeira família que escravizara Páscoa Vieira, a historiadora constata que o motivo de venda da escravizada a Francisco Távora, em Salvador, decorreu dela ter tentado fugir em Massangano. Por fim, Castelnau-L’Estoile visualiza como o caso de Páscoa Vieira auxilia historiadores a compreender as interações e as diferenças entre os tipos de escravidão existentes na época moderna.

No capítulo cinco, Castelnau-L’Estoile analisa o contra-inquérito aberto em Salvador pelo segundo marido de Páscoa Vieira, Pedro Arda. A historiadora pesquisa as origens de Arda, também escravizado, que, depois de vendido por Francisco Álvares Távora, recorre ao tribunal episcopal para reaver o direito de viver com a esposa, acusada de bigamia. Para tanto, a autora discute a tensão da época em torno do direito marital de escravizados e o direito dos proprietários em vendê-los e separá-los. No sexto capítulo, a voz de Páscoa Vieira no processo é analisada. Além de discorrer sobre a prisão e o envio de Páscoa Vieira a Lisboa, Castelnau-L’Estoile descreve a genealogia dela e defende a agência da escravizada perante os inquisidores.

No penúltimo capítulo, a historiadora compreende quais foram os interesses do tribunal inquisitorial em investigar o suposto crime de bigamia de uma escravizada. A partir da bula *Populis ac Nationibus*, de Gregório XVIII e publicada em 1585, das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, dos relatos e correspondências de missionários, Castelnau-L’Estoile analisa os debates teológicos do período sobre a relevância que o casamento de escravizados tinha para o sistema de tráfico e para o combate das práticas poligâmicas dos africanos. Além disso, a autora trata do protagonismo de alguns negros nas confrarias religiosas de Salvador.

No oitavo capítulo, a autora não só apresenta a sentença final dada a Páscoa Vieira, como explica os aspectos simbólicos das cerimônias punitivas e os tipos de condenação por heresia que o tribunal cominava à época. No epílogo da obra, a historiadora pontua que narrar a vida de Páscoa Vieira acabou por levá-la a um procedimento metodológico ligado às perspectivas da história global e das circulações. Com isso, a autora retoma alguns autores que navegam e utilizam dos conceitos dessas perspectivas históricas como Sílvia Hunold Lara, Luiz Felipe de Alencastro, Roquinaldo Ferreira e Serge Gruzinski. (Castelnau-L’Estoile, 2020, p. 260).

O principal objetivo de Castelnau-L’Estoile é compreender, a partir da vida de Páscoa Vieira, “[...] as relações regulares e intensas” entre escravidão e cristianização entre três continentes, e visualizar o agenciamento e a voz dessa mulher escravizada (Castelnau-L’Estoile, 2019, p. 22-23). Com base nesses objetivos, podemos situá-la nos temas que emergiram e se ampliaram na historiografia da escravidão nos anos 1990 e nas primeiras décadas do século XXI. Os primeiros temas estavam relacionados ao estudo da escravidão urbana, sobre a família escravizada e as práticas de resistência, enquanto que os mais recentes se voltam para as mestiçagens culturais e as conexões globais e atlânticas da escravidão (Secreto, 2016, p. 444-445).

Ao analisar os inquéritos do processo de Páscoa Vieira, nos capítulos 2 e 3, Castelnau-L'Estoile identifica as constantes redes de comunicações entre os espaços locais com escalas maiores, isto é, entre membros do Tribunal em Lisboa com os missionários em Roma, Massangano, Salvador e Luanda. A autora observa as relações globais que jesuítas e capuchinhos italianos tinham com as ordens vindas de Roma e as condições locais encontradas por eles para evangelizar os negros, fossem livres ou escravizados, em diferentes vilas da África (Castelnau-L'Estoile, 2019, p. 94-100). Dessa forma, quando discute os deslocamentos desses religiosos para cuidar do caso, ela visualiza como a cristianização dos escravizados foi fundamental para justificar e sustentar o fenômeno da escravidão.

Além de analisar a presença dos capuchinhos italianos no interior de Angola, a obra de Castelnau-L'Estoile contribui para a história da missionação na época moderna. Carlos Henrique Cruz (2019, p. 158) destaca que a historiografia brasileira tende a concentrar pesquisas na atuação dos jesuítas no processo de cristianização dos indígenas e escravizados. Contudo, tanto Cruz quanto Castelnau-L'Estoile dão destaque aos deslocamentos e à presença de capuchinhos italianos no sertão colonial e nas vilas do interior de Angola. Em vista disso, os dois historiadores indicam possibilidades de pesquisas que procurem observar os vínculos e as ligações existentes entre os capuchinhos italianos que atuavam no Brasil e em Angola no século XVII.

Na área dos Estudos Inquisitoriais, o livro de Castelnau-L'Estoile fornece e amplia o entendimento de como o Tribunal do Santo Ofício se imbricava em regiões consideradas interioranas ou de fronteira no continente africano, como na vila de Massangano. Bruno Feitler (2013) ressalta a importância de se investigar mais a fundo o quanto essa instituição conseguia estabelecer redes colaborativas, para além dos correspondentes oficiais do tribunal, na América Portuguesa e em Goa. Neste aspecto, a historiografia sobre a Inquisição tem desenvolvido mais recentemente pesquisas sobre a presença deste tribunal na África. Enquanto os historiadores Philip Havik e Vanicléia Santos dão destaque às mulheres negras e livres processadas por feitiçaria na Guiné, a historiadora Filipa Ribeiro da Silva aborda a ação persecutória do tribunal nas regiões de Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, evidenciando as visitas inquisitoriais e os tipos de denúncias. Mas, no que se refere a essa historiografia, embora não seja objetivo das historiadoras, nota-se que Vanicléia Santos e Filipa Silva mencionam as certas cooperações que o tribunal tecia com agentes não oficiais e autoridades locais na Guiné, que recebiam e encaminhavam denúncias à Lisboa.³

Selma Pantoja (2004) e Fabiana Schleumer (2018) investigaram, por exemplo, a atuação persecutória da Inquisição em Angola e no Congo. Porém, ambas as historiadoras analisaram principalmente os tipos de denúncia, os crimes de feitiçaria e os degredados enviados àquelas regiões, mas não procuraram se aprofundar em como o tribunal de Lisboa construía suas articulações locais em Angola. Já em sua obra, Castelnau-L'Estoile, por meio do processo de Páscoa, investiga com quais sujeitos o Tribunal estabeleceu redes de contato em Luanda e Massangano. A historiadora consegue verificar que os inquisidores

³ Sobre essa historiografia, ver: BETHENCOURT, Francisco; HAVIK, Philip. A África e a Inquisição: novas perspectivas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano III, n. 5/6, p. 21-27, 2004 [p. 23]. HAVIK, Philip. La sorcellerie, l'acculturation et le genre: la persécution religieuse de l'Inquisition portugaise contre les femmes africaines converties en Haut Guinée (XVIIe siècle). *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano III, n. 5/6, p. 99-116, 2004. SILVA, Filipa R. A Inquisição na Guiné, nas ilhas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano III, n. 5/6, p. 157-173, 2004, p. 159-160. SANTOS, Vanicléia S. Mulheres africanas nas redes dos agentes da Inquisição de Lisboa: o caso de Crispina Peres em Cacheu, século XVII. *Politeia - História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 20, n. 1, p. 67-95, jan.-jun., 2021, p. 69-70.

de Lisboa buscavam ter sua presença sentida através do apoio dos vigários locais, dos jesuítas, dos capuchinhos italianos enviados pela Propaganda Vide, dos comissários nomeados, das “autoridades de Luanda” e mesmo dos capitães inseridos no interior de Angola (Castelnu-L’Estoile, 2020, p. 34, 76, 82 e 95).

Com relação à manipulação das perspectivas da História global e das circulações, Castelnu-L’Estoile aponta como a família Carvalho, que escravizara Páscoa em Angola, sustentava as ligações entre o tráfico interno e externo. Além disso, a historiadora identifica que, mesmo sendo uma família escravista, os sujeitos que a compunham eram pardos em virtude do processo de mestiçagem ocorrido durante a conquista de Angola e a formação de vilas de fronteira interna, como Massangano. Essa análise feita pela historiadora desconstrói a noção de que todos os senhores de escravos fossem brancos e reforça a ideia de mestiçagem trabalhada por Serge Gruzinski (2001a). Para esse historiador, os lugares de fronteira não devem ser estudados como meras zonas de intermediações, mas espaços de conflitos em que a mestiçagem de elementos díspares se tornou evidente.

Para mais, mesmo que não fosse seu objetivo, Castelnu-L’Estoile demonstra algumas possibilidades de associar a história global e a micro-história enquanto abordagens, embora essa associação esteja em debate na historiografia. Para Lévi (2019) e Trivellato (2011), a micro-história nunca foi o mero estudo de um local ou de sujeitos individuais, e nem uma história de cunho narrativo. A micro-história busca complexificar as teorias gerais ao mostrar que há respostas variadas quando reduzimos a escala de nosso olhar para analisar fenômenos históricos por meio de pessoas, de um tempo histórico específico ou de um lugar. Em vista disso, a micro-história e a história global teriam fundamentos divergentes, uma vez que esta se preocupa com as conexões espaciais, com a longa duração e com a crítica à historiografia eurocêntrica (Levi, 2019).

Trivellato (2011) considera que a micro-história pode vir a contribuir com as futuras pesquisas de história global. Não para fazer uma micro-história global, e sim para evitar que a história global retome às visões gerais de um fenômeno, ou se torne uma mera narrativa de pessoas e grupos excepcionais que se conectaram ao nível global. Quando Castelnu-L’Estoile pesquisa a vida e a voz de Páscoa no processo, não faz uma história narrativa da trajetória dela. Pelo contrário, através do processo, a autora consegue levantar questões que complexificam o papel que o matrimônio assumia no fenômeno da escravidão e demonstra que a ruptura não foi o único processo corrente da escravidão, haja vista os contatos que Páscoa construiu ou manteve ao ser deslocada entre três continentes.

Nesse sentido, a autora acaba por se encaminhar aos estudos sobre história atlântica. Porém, ela não aborda apenas as relações de complementaridade da escravidão e do comércio entre Brasil e Angola, já tratadas pelo historiador Luiz Felipe Alencastro (2000). A partir do contra inquérito, a historiadora analisa em que medida Páscoa e Pedro, mesmo escravizados, preservavam contatos com conhecidos e parentes em Angola. Para Castelnu-L’Estoile (2020, p. 88), a história de Páscoa está relacionada com o conceito do historiador Roquinaldo Ferreira, “comunidade atlântica”, ou seja, de que os intercâmbios e laços entre Brasil e Angola criaram um espaço histórico comum entre as duas margens do Atlântico. Todavia, Castelnu-L’Estoile não foca sua pesquisa no oceano e nem compara lugares litorâneos ligados pelo Atlântico, e sim sobre o impacto das circulações atlânticas nas experiências adquiridas por Páscoa em diferentes locais.⁴ Entretanto, a obra de Castelnu-L’Estoile (2019) nos enseja a certos comentários. O livro tem como foco investigar a vida de uma mulher escravizada e se insere nos debates que questionam o europocentrismo metodológico como a perspectiva da História Global e das circulações, -

⁴ Para se aprofundar no campo da história atlântica, ver o texto de David Armitage “Três conceitos de história atlântica” (2014).

perspectivas estas que nasceram em conjunto da história pós-colonial e dos *Subaltern Studies* (Santos Jr.; Sochaczewski, 2017, p. 491). Contudo, há ainda uma ausência da teoria decolonial na historiografia da escravidão, sobretudo da perspectiva do feminismo decolonial e negro. Isso se relaciona, mormente, por existir uma colonialidade epistêmica e uma falta de reconhecimento pelas academias do norte global das contribuições das teóricas negras e latino-americanas sobre gênero, como Lélia Gonzalez, María Lugones e Rita Segato (Collins, 2017 *apud* Fagundes; Almaleh; Vieira, 2021, p. 99).⁵

Castelnau-L'Estoile (2020, p. 264) cita que o caso de Páscoa permite pensar uma história do gênero, visto que ela era mulher escravizada. Porém, a historiadora entende que falar de gênero se resume a compreender as relações entre homens e mulheres. Mais do que isso, María Lugones (2019, p. 352) e Rita Segato (2012, p. 121 e 126) entendem a categoria gênero como uma forma de analisar tanto a inserção de papéis sexuais construídos no discurso dos colonizadores quanto a capacidade de agência das mulheres e homens frente à imposição colonial desses papéis. Mas, Lugones (2019, p. 349) destaca que essa agência não pode ser levada ao senso máximo que atribuímos atualmente, uma vez que os sujeitos foram condicionados a variadas formas de opressão nos diferentes contextos históricos.

Quando Castelnau-L'Estoile (2020, p. 191 e 199) afirma que não podemos olhar apenas a violência da escravidão, e sim investigar a agência dos escravizados, ela defende que Páscoa usou de sua feminilidade com diversos homens para melhorar sua situação de escravizada. No entanto, a historiadora corre o risco aqui de considerar a capacidade de agência de Páscoa num nível muito elevado para a época em estudo. A teórica Lélia Gonzalez teria questionado a historiadora de qual tipo de feminilidade ela estaria atribuindo à Páscoa. E, atrelado a isso, problematizaria essa suposta cordialidade erótica entre escravizadas e senhores, uma vez que a violência da escravidão acompanhou a construção de uma violência de gênero sobre as mulheres de cor.⁶

Em outro momento, Castelnau-L'Estoile afirma que a agência de Páscoa frente aos inquisidores e aos homens de sua vida decorria da influência que tinha do protagonismo de certas mulheres, como sua ex-dona em Massangano, Domingas Carvalho (Castelnau-L'Estoile, 2020, p. 197). No entanto, segundo María Lugones (2008, p. 94), para estudarmos as mulheres no período colonial, é preciso estar atento à variedade da categoria mulher e ao fato de que todo protagonismo implica restrições interseccionalizadas nos níveis sociais, raciais, étnicos e de idade. Em vista disso, Lugones discutiria as diferenças da atuação de Páscoa e de sua ex-dona Domingas. Pois, enquanto esta esteve sempre em posição superior devido sua fortuna e por ser dona de escravizados, Páscoa era uma mulher que havia tentado fugir quando era escravizada por Domingas.

Para melhor exemplificar, em um estudo posterior à publicação da obra de Castelnau-L'Estoile (2020), Vanicléia Santos (2021, p. 71), através do conceito de interseccionalidade das teorias de gênero, estudou a vida de Crispina Peres. Antes de ser processada pelo Santo Ofício Português pelo crime da feitiçaria, Crispina era uma mulher negra livre, proprietária de escravos em Cacheu, viúva e casada pela segunda vez com Jorge Gonçalves Francês. Em sua conclusão, Santos verificou que, embora Crispina concentrasse certo poder na região, apresentava vulnerabilidades por ser mulher, mas ao mesmo tempo autorizava práticas de violência sobre as mulheres negras que escravizava.

⁵ Para conhecer as diferentes teóricas do pensamento feminista decolonial, como María Lugones, Rita Segato, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e outras ver o artigo “Contribuições e compromissos: perspectivas feministas decoloniais e a História” das historiadoras Marluce Dias Fagundes, Priscilla Almaleh e Miriam Steffen Vieira (2021, p. 82-83, 87, nota 10; p. 89-90).

⁶ Lélia Gonzalez, “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (2019, 1.ed. em espanhol, 1983) citada por Heloísa Buarque de Hollanda (2020, p. 21).

Assim, concluímos que, ao longo da obra, Castelnau-L'Estoile colocou à prova as potencialidades da história global e das perspectivas correlatas (história atlântica e das circulações) para o estudo do fenômeno da escravidão e da vida de Páscoa. Através da análise dos diversos níveis espaciais onde a escravidão ocorrera e dos períodos da conquista de Angola, - procedimentos estes da história global (Santos Jr.; Sochaczewski, 2017, p. 491) - a historiadora visualizou como as circulações que permearam a vida de Páscoa, a possibilitaram adquirir experiências para lidar com os inquisidores e com seus senhores. Logo, além de apresentar uma escrita e leitura acessível na sua obra, Castelnau-L'Estoile nos faz reconhecer que a ruptura não foi o único aspecto da escravidão pois, na trajetória de Páscoa, identificamos o quanto as relações culturais, religiosas, afetivas e de negociação dos escravizados também foram movimentadas.

REFERÊNCIAS

- AMMERMANN, Friedrich *et al.* Por uma História Global (mais) justa: o Seminário de História Global do IUE. *Cromohs (Cyber Review of Modern Historiography)*. Florença: Instituto Universitário Europeu, 2021, p. 1-10. Disponível em: <https://oajournals.fupress.net/index.php/cromohs/article/download/12559/12099/>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- ALENCASTRO, Luiz F. de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARMITAGE, David. Três conceitos de história atlântica. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 18, n. 2, p. 206-217, maio-ago., 2014.
- BETHENCOURT, Francisco; HAVIK, Philip. A África e a Inquisição: novas perspectivas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano III, n. 5/6, p. 21-27, 2004.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Un catholicisme colonial: Le mariage des indiens et des esclaves au Brésil, XVIe-XVIIIe siècle*. Paris: Presses Universitaires France, 2019.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Páscoa Vieira diante da Inquisição: uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal no século XVII*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- CRUZ, Carlos H. *A escola do diabo: indígenas e capuchinhos italianos nos sertões da América (1680-1761)*. Fireze: Firenze University Press, 2019.
- FAGUNDES, Marluce D.; ALMALEH, Priscilla; VIEIRA, Miriam S. Contribuições e compromissos: perspectivas feministas decoloniais e a História. *Sul Sul – Revista de Ciências Humanas e Sociais*, Barreiras, v. 1, n. 3, p. 77-103, fev., 2021.
- FEITLER, Bruno. A ação da Inquisição no Brasil: uma tentativa de análise. In: FURTADO, Júnia F.; RESENDE, Maria L. C. (org.) *Travessias inquisitoriais das Minas Gerais aos cárceres do Santo Ofício: diálogos e trânsitos religiosos no império luso-português (séc. XVI-XVIII)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 29-46.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 175-195, mar., 2001.

HAVIK, Philip. La sorcellerie, l'acculturation et le genre: la persécution religieuse de l'Inquisition portugaise contre les femmes africaines converties en Haut Guinée (XVIIe siècle). *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano III, n. 5/6, p. 99-116, 2004.

HOLLANDA, Heloísa B. de. Introdução. In: HOLLANDA, Heloísa B. de; VAREJÃO, Adriana *et al.* (orgs.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 11-34.

LEVI, Giovanni. Frail Frontiers? *Past & Present*, Oxford, v. 242, issue supplement 14, p. 37-49, nov., 2019.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colômbia, n. 9, p. 73-101, jul.-dic., 2008.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa B. de; LORDE, Audre *et al.* (orgs.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-378.

PANTOJA, Selma. Inquisição, degredo e mestiçagem em Angola no século XVIII. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano III, n. 5/6, p. 117-136, 2004.

SANTOS Jr., João J. G. dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Revista Tempo*, Niterói, v. 23, n. 3, p. 482-502, set.-dez., 2017.

SANTOS, Vanicléia S. Mulheres africanas nas redes dos agentes da Inquisição de Lisboa: o caso de Crispina Peres em Cacheu, século XVII. *Politeia - História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 20, n. 1, p. 67-95, jan.-jun., 2021.

SCHLEUMER, Fabiana. Nas bordas do Rio Kwanza: Inquisição, administração portuguesa e artes mágicas em Angola. *Africana Studia*, Porto, n. 30, p. 13-28, 2018.

SECRETO, María V. Novas perspectivas na história da escravidão. *Revista Tempo*, Niterói, v. 22, n. 41, p. 442-450, set.-dez., 2016.

SEGATO, Rita L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. Tradução de Rose Barboza. *E-cadernos CES*, Coimbra, n.18, p. 106-131, 2012.

SILVA, Filipa R. A Inquisição na Guiné, nas ilhas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano III, n. 5/6, p. 157-173, 2004.

TRIVELLATO, Francesca. Is There a future for Italian Microhistory in the age of Global History? *eScholarship*, v. 2, issue 1, 2011.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Laís Prestes Redondo: Graduada. Mestranda, Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Guarulhos, SP, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Professora Othília Sant'Anna Brisola, 1-107, 17064-250, Bauru, SP, Brasil.

ORIGEM DO ARTIGO

Resenha elaborada para aprovação na disciplina de mestrado “Deslocando categorias da historiografia contemporânea: temas e debates numa academia global” ministrada pelo professor doutor Luís Filipe Silvério Lima na Universidade Federal de São Paulo no primeiro semestre de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Bruno Feitler e ao professor Luís Filipe Silvério Lima pelas contribuições e correções da presente resenha. Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por financiar minha bolsa de mestrado que está relacionada a elaboração da presente resenha.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: B. Feitler. L. P. Redondo

Coleta de dados: Não se aplica.

Análise de dados: Não se aplica.

Discussão dos resultados: B. Feitler. L. P. Redondo.

Revisão e aprovação: B. Feitler.

FINANCIAMENTO

Bolsa de mestrado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Laís Prestes Redondo. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.



PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Beatriz Galotti Mamigonian
Jo Klanovicz

HISTÓRICO

Recebido em: 9 de junho de 2022.

Aprovado em: 29 de setembro de 2022.

Como citar: REDONDO, Laís P. Deslocamentos (forçados) de Páscoa Vieira: Inquisição e escravidão em uma perspectiva global e atlântica. *Esboços*, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 296-305, 2023. Seção [Resenha]. Resenha da obra: Resenha. Resenha da obra: CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Páscoa Vieira diante da Inquisição: uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal no século XVII*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 276 p.

